

MARXISMO E A OPRESSÃO ÀS MULHERES: RUMO A UMA TEORIA UNITÁRIA **[LISE VOGEL]**

DOI: <http://doi.org/10.9771/gmed.v15i3.57455>

Aline Fernanda Maciel¹

Título: *Marxismo e a opressão às mulheres: rumo a uma teoria unitária*

Autoria: Lise Vogel

Cidade e Editora: São Paulo, Expressão Popular

Ano de publicação: 2022

Páginas: 455

O livro *Marxismo e a opressão às mulheres: rumo a uma teoria unitária*, escrito pela historiadora e socióloga marxista norte-americana Lise Vogel, foi publicado pela primeira vez em 1983 nos Estados Unidos. Após um longo período no ostracismo, em 2013, a obra foi relançada pela editora norte-americana Haymarket Books. E somente após quase 40 anos da sua primeira edição, o livro ganhou uma versão em português ao ser publicado em 2022 pela editora brasileira Expressão Popular. No contexto de pós-pandemia e profundos retrocessos marcados pela ascensão da extrema direita ao poder e suas políticas neoliberais de austeridade e desmantelamento dos serviços públicos, a obra ganha uma importância ampliada ao propor uma análise sistêmica das relações de exploração, opressão, dominação e alienação no capitalismo.

Com base na tradição marxista e nos debates ocorridos nas décadas anteriores à primeira edição do livro sobre a opressão das mulheres, principalmente no campo do feminismo socialista, Lise Vogel elabora e lança as bases para uma teoria unitária das relações sociais de produção e reprodução no capitalismo que nas décadas seguintes veio a ser conhecida como Teoria da Reprodução Social (TRS), contribuindo consideravelmente para os processos de renovação do marxismo. Na busca pela compreensão da base material da opressão às mulheres, a autora parte criticamente dos escritos de Marx, principalmente em *O capital* e desenvolve aspectos que do seu ponto de vista haviam sido pouco analisados pelo teórico e militante comunista.

Além disso, Vogel estabelece um diálogo com a tradição socialista e marxista ao realizar uma releitura dos escritos de Engels, Lênin, August Bebel e feministas socialistas e marxistas, como Clara Zetkin, Juliet Mitchell, Johanna Brenner, Iris Young para pensar a problemática das relações de opressão no modo de produção capitalista. Apesar de autoras feministas socialistas terem relacionado a opressão das mulheres ao modo de produção capitalista, Vogel propõe um quadro teórico original que se difere das análises anteriores.

A obra inicia-se com uma profunda e potente apresentação escrita pelas tradutoras brasileiras que integram o Grupo de Estudos sobre a Teoria da Reprodução Social (GE-TRS), na qual contextualizam o processo de tradução, destacando a atualidade do livro e a relevância da TRS para a compreensão da totalidade das relações sociais capitalistas. Com base no desenvolvimento do capitalismo brasileiro, as autoras abordam aspectos da história da tradição feminista-socialista no Brasil, bem como a recepção e repercussão do pensamento de Vogel no país, destacando a potencialidade da articulação entre o acúmulo teórico produzido pelo feminismo negro brasileiro e as formulações de Vogel.

A obra integra outro texto de fundamental importância que introduziu a publicação em 2013, denominado “Capital, força de trabalho e relações de gênero: introdução ao marxismo e a opressão às mulheres na série Historical Materialism”, escrito por Susan Ferguson e David McNally, dois dos principais expoentes da TRS na atualidade. Nele os autores situam o período de publicação da obra de Vogel, destacando o contexto de refluxo das mobilizações das classes trabalhadoras e avanços das políticas neoliberais. Além disso, realizam um aprofundamento de aspectos do quadro teórico sobre a reprodução social da força de trabalho, retomando a relação historicamente problemática entre marxismo e feminismo e destacando as contribuições do livro de Vogel para a renovação do marxismo. A obra contém ainda um prefácio à edição de 1983 e à edição brasileira, ambos escrito pela autora.

O livro está dividido em uma introdução e onze capítulos distribuídos em quatro partes, nos quais a autora propõe um quadro teórico para explicar a relação sistêmica entre produção e reprodução no modo de produção capitalista. Na introdução (primeiro capítulo) a autora contextualiza os principais eventos históricos que marcaram o pós-guerra, principalmente em termos de participação da força de trabalho feminina e suas contradições diante do robustecimento da ideologia da domesticidade. Destaca a ascensão das lutas sociais nas décadas de 1960 e 1970 expressas no movimento por direitos civis, feminista e estudantil, a partir das mobilizações de 1968, ao mesmo tempo que, em meados de 1970, observa o início de um período de refluxo do movimento feminista-socialista. Além disso, enfatiza as falhas teóricas da tradição socialista em abordar a opressão das mulheres, destacando a potência do arcabouço teórico-metodológico marxista como uma ferramenta que melhor pode contribuir para a libertação das mulheres.

A parte I denominada “Feminismo socialista” reúne dois capítulos, “Uma década de debate” e “Feminismo socialista e a questão da Mulher”, nos quais a autora realiza uma análise crítica da trajetória do pensamento feminista, principalmente, da vertente socialista no século XX. No capítulo dois, Vogel dialoga com o pensamento de feministas socialistas e marxistas, dos anos 1960 e 1970, como Juliet Mitchell, Margareth Benston, Peggy Morton, Mariarosa Della Costa, destacando a crítica que realizaram à tradição clássica do feminismo-socialista ao determinismo econômico centrado sobretudo na ênfase excessiva nas relações familiares e na unidade doméstica. Vogel destaca que o feminismo-socialista dos anos 1960 produziu avanços no que se refere a construção de uma análise materialista da opressão às mulheres, no entanto, também reproduziu, em alguma medida, uma perspectiva a-histórica, centrada no trabalho doméstico não-remunerado e, por vezes, permeada por equívocos teóricos, como aqueles relacionados à teoria do valor em Marx e a compreensão, por exemplo, do trabalho doméstico não-remunerado considerado como produtor de valor, tais como defenderam as feministas socialistas da

campanha internacional pelo Salário para o Trabalho Doméstico, referindo-se ao contexto do conhecido Debate sobre o Trabalho Doméstico. Por fim, introduz o debate sobre a relação entre patriarcado e capitalismo, no qual enfatiza as apropriações de ambas vertentes do feminismo tanto radical, de conceitos e expressões do marxismo, como do feminismo socialista, através da apropriação das leituras sobre as relações de poder realizada pelas feministas radicais e, finaliza com a crítica à subordinação da raça e nacionalidade nestes escritos. No capítulo três, a autora resume as principais ideias apresentadas no capítulo anterior referente ao desenvolvimento do pensamento feminista-socialista, retomando e aprofundando suas contribuições e limitações. Ressalta que as feministas socialistas das décadas de 1960 e 1970 foram hábeis em situar o trabalho doméstico em termos da reprodução da força de trabalho, produzindo uma análise materialista da opressão das mulheres, ao mesmo tempo, que consideraram os fenômenos ideológicos e psicológicos em suas análises, ainda que parte delas tenham recaído em uma visão economicista. Por outro lado, enfatiza que o feminismo socialista tendeu a reproduzir uma perspectiva dualista, na qual separa a opressão das mulheres das relações de produção e da qual as análises, em certa medida, não estavam radicalmente distantes da ênfase excessiva na dimensão familiar, ideológica e psicológica. Além disso, aponta as falhas teóricas decorrentes de uma análise pouco aprofundada dos escritos de Marx e Engels.

Na parte II, denominada “Marx e Engels”, a autora volta-se para a análise dos escritos de Marx e Engels para pensar os avanços e as insuficiências presentes no pensamento dos autores no que se refere à opressão das mulheres. No capítulo IV, intitulado “Primeiras Abordagens”, Vogel revisita os primeiros escritos de Marx e Engels com foco na opressão das mulheres junto ao interesse e o compromisso de ambos com o tema. Apesar disso, enfatiza as insuficiências tanto programáticas como teóricas junto ao tom moralizante e permeado pelos valores dominantes vitorianos da época e por uma visão, em certa medida, que naturalizava as relações de gênero. No capítulo cinco, denominado “Marx: os anos de maturidade”, a autora, conforme o próprio título sugere, parte da separação entre os escritos de um jovem Marx e os escritos tardios/maduros, concentrando-se principalmente na análise das ideias contidas n’*O capital* e em categorias e conceitos marxianos como totalidade, consumo individual, valor da força de trabalho, exército industrial de reserva, população excedente para pensar as relações capitalistas envolvidas na reprodução da mercadoria especial para o capital, a força de trabalho entendida como fonte de valor para o capital.

Vogel, contudo, acentua a importância e relevância inestimável do arcabouço teórico-metodológico deixado por Marx, enfatizando o materialismo histórico-dialético como uma ferramenta teórica e política indispensável para pensar as relações capitalistas na sua complexidade. Neste sentido, para a autora, Marx ao considerar a reprodução da força de trabalho e da classe trabalhadora como uma condição indispensável para a reprodução do próprio capitalismo, posicionou os processos de reprodução social e geracional de trabalhadoras e trabalhadores no centro da dinâmica capitalista. Apesar disso, Vogel afirma que Marx não teria desenvolvido suas ideias ao ponto de produzir uma explicação sobre como a principal mercadoria no capitalismo, a força de trabalho é, ela mesma, produzida e reproduzida. Por outro lado, salienta que as análises de Marx apresentam incompletudes que envolvem aspectos como a

inexistência de clareza por parte do autor com relação a problemática se o consumo individual incluiria ou não os demais membros da família; além do subdesenvolvimento analítico acerca das relações de reprodução da força de trabalho e as ambiguidades conceituais entre, por exemplo, exército industrial de reserva e consumo individual.

No capítulo VI, Vogel se debruça nos escritos de Engels, em especial, na obra “A origem da família, da propriedade privada, da família e do Estado” relacionando-a com o pensamento de August Bebel e do antropólogo estadunidense Lewis Morgan, destacando suas limitações nas formulações teóricas e políticas que na sua visão representam uma perspectiva dualista que, inclusive, teria sido deixada como herança para parte das feministas-socialistas. Em termos gerais, para a autora, a perspectiva de Engels sobre a opressão às mulheres teria sido muito mais vinculada ao desenvolvimento da propriedade privada do que à reprodução da força de trabalho. Além disso, o autor teria reproduzido uma certa visão naturalizante da divisão sexual do trabalho que carece de uma construção teórica interrelacional entre a reprodução da força de trabalho e o surgimento da classe social, deixando em aberto a relação entre revolução, libertação das mulheres e a luta pela igualdade de direitos.

Na parte III, denominada “O Movimento Socialista”, a autora volta-se para a tradição socialista e os esforços em pensar e explicar a opressão às mulheres. No capítulo 7, intitulado “A Segunda Internacional”, Vogel revisita as formulações teóricas e políticas de socialistas no contexto da Segunda Internacional, com foco nas análises realizadas por August Bebel e Eleanor Marx sobre a opressão às mulheres, abordando temas como a sexualidade, a perspectiva da socialização do trabalho doméstico e a igualdade de direitos. Nele, Vogel faz uma crítica a Segunda internacional ao salientar que ela não logrou elucidar e desenvolver as elaborações teóricas de Marx e Engels a respeito da opressão às mulheres, enfatizando que as limitações teóricas implicaram em uma perspectiva dualista, faltando assim um quadro teórico que relacione a opressão das mulheres com o modo de produção capitalista. Além disso, realiza uma crítica à utopia do futuro socialista sobre a libertação das mulheres. No capítulo 8, Vogel concentra-se em analisar o período que precede a revolução russa, bem como o seu desenvolvimento e as posições de expoentes do movimento internacional de trabalhadores como Clara Zetkin, August Bebel e Lênin, na qual realiza uma análise crítica de seus escritos sobre às mulheres. Dentre as conclusões, afirma a posição avançada do Partido Social Democrata Alemão e a importância das análises realizadas mesmo possuindo certas limitações. No entanto, destaca que as contribuições teóricas de Lenin e Clara Zetkin não foram duradouras, referindo-se na sua visão as limitações práticas e teóricas semelhantes à Segunda Internacional que persistiram no movimento socialista e comunista no século XX.

Na parte VI, denominada “Da questão da mulher à libertação das mulheres”, Vogel dedica-se ao desenvolvimento de um quadro teórico sobre a base material da opressão às mulheres. No capítulo nove, denominado “Um duplo legado”, Vogel recupera duas perspectivas do feminismo socialista, a teoria dos dois sistemas na qual o capitalismo e o patriarcado são compreendidos como sistemas distintos que, apesar de articulados, são considerados como autônomos entre si e a perspectiva da reprodução social para pensar as suas insuficiências e propor um quadro teórico que sirva como base epistemológica para analisar as particularidades das relações sociais capitalistas. E, neste sentido, desenvolve uma

sistematização das suas ideias acerca das interações sistêmicas entre o trabalho remunerado e o não-remunerado e a base material da opressão das mulheres, tendo como premissa central a indissociabilidade das relações de exploração e opressão no capitalismo. No capítulo dez, denominado “A reprodução da força de trabalho”, Vogel mobiliza conceitos que considera básicos para a análise da reprodução da força de trabalho. Nele Vogel reafirma algumas das críticas realizadas à tradição socialista no livro como a ênfase no trabalho doméstico não remunerado e na família e o uso de categorias que considera inadequada como a chamada “Questão da Mulher”. A autora destaca a imprescindibilidade da investigação histórica no sentido de recuperar a concretude e a complexidade das relações sociais de forma interrelacionada a necessidade de um quadro teórico que possibilite explicar essa realidade na sua totalidade. A proposta teórica e política para explicar a base material da opressão de gênero baseia-se em conceitos marxianos que considera fundamentais na análise sobre a reprodução da força de trabalho, como o conceito mesmo de força de trabalho, consumo individual, trabalho necessário definido “como parte da jornada de trabalho da qual o trabalhador extrai sua própria reprodução” (p.11). Também é onde define a categoria de família como uma estrutura social baseada nas relações de parentesco.

O último capítulo, “Para além do trabalho doméstico”, trata de uma das partes mais densas e importante do livro em que Vogel desenvolve o quadro teórico construído para explicar as relações sociais que envolvem a reprodução da força de trabalho no capitalismo, lançando assim a base teórica para a compreensão da opressão às mulheres. Nesse capítulo, Lise Vogel, com base nas categorias marxianas apresentadas nos capítulos anteriores, desenvolve suas ideias acerca das interações entre relações de exploração e opressão. Com base na noção marxiana de força de trabalho entendida como uma mercadoria especial por ser fonte de valor para o capital, Vogel busca explicar a relação sistêmica e contraditória entre capital e reprodução da força de trabalho, alertando em diversas passagens a necessidade de compreendê-las partindo das especificidades históricas.

Entre suas explanações Vogel considera o trabalho doméstico não remunerado como um componente do trabalho necessário, vinculando-o dessa forma ao valor da força de trabalho. Neste sentido, ao definir o trabalho doméstico não remunerado no interior da categoria de trabalho necessário como definido nos termos utilizados por Marx, Vogel comete um equívoco teórico. Apesar de neste ponto, discordar da autora por considerar que o trabalho doméstico não remunerado não se enquadraria no conceito de trabalho necessário proposto por Marx, justamente por ser produzido fora das relações de produção, apesar de ser parte da totalidade capitalista, o argumento não invalida de forma alguma o rico e elaborado quadro teórico construído por Vogel.

No apêndice “Trabalho doméstico revisitado”, escrito para ser apresentado na Conferência dos Economistas Socialistas realizada na Inglaterra em 2000, Vogel retoma várias das ideias contidas no livro como os debates realizados pelas feministas socialistas nos anos 1960 e 1970, reforçando o argumento de que o trabalho doméstico não remunerado não produz valor, apesar de ser imprescindível para a reprodução capitalista. Além disso, aborda o arcabouço teórico mobilizado para explicar a reprodução da força de trabalho de forma indissociada das especificidades históricas, referindo-se à tendência empiricista predominante nos anos 1980 no feminismo socialista. Vale lembrar que a autora escreveu o livro em 1983, *Germinar: marxismo e educação em debate, Salvador, v.15, n.3, p. 482-488, dez., 2023.* ISSN: 2175-5604 486

mais de uma década após os debates realizados nos anos 1960 e 1970 pelas feministas socialistas e marxistas, ocupando assim uma posição privilegiada decorrente de uma análise realizada *a posteriori* e baseada no estudo e compreensão destes debates, contribuindo fundamentalmente para o desenvolvimento de suas ideias.

Outro ponto de fundamental importância trata das relações raciais, que como muito bem destacou Rhaysa Ruas, foram deixadas de fora das elaborações teóricas de feministas-marxistas do período, configurando um “sintoma decorrente da universalização da categoria ‘mulher’ à luz da experiência das mulheres brancas nos Estados de Bem-Estar Social europeus e norte-americanos”. (RUAS, 2020, p.383) Neste sentido, afirma como parte das feministas-marxistas do período acabaram por recair no dualismo que buscaram denunciar ao negligenciar ou hierarquizar dimensões de raça, classe, gênero e sexualidade da totalidade das relações sociais capitalistas.

No entanto, o pensamento de Vogel representa uma novidade e um avanço na trajetória do feminismo-marxista. Apesar de marxistas como Angela Davis já terem abordado de forma original as interações entre a raça, o gênero e a classe no capitalismo, Vogel traz uma inovação ao analisar a opressão das mulheres desde uma perspectiva da reprodução social, contribuindo, assim, para a renovação da tradição marxista. Neste ponto, há que ressaltar a TRS como uma potente e fértil ferramenta que pode contribuir para a compreensão das relações capitalistas para além da dimensão estritamente econômica e que vem ganhando força nos últimos anos. Por outro lado, como uma teoria em desenvolvimento, a TRS apresenta enormes desafios diante da complexidade do capitalismo contemporâneo. *Marxismo e a opressão às mulheres: rumo a uma teoria unitária* representa um primeiro e inovador esforço de sistematização da teoria unitária e, por isso, uma referência teórica e política de importância fundamental na trajetória feminista socialista e marxista, sendo sua leitura indispensável na luta por transformar radicalmente as dinâmicas opressivas e as relações sociais capitalistas.

Referências:

- ARRUZZA, Cinzia. Considerações sobre gênero: reabrindo o debate sobre patriarcado e/ou capitalismo. **Outubro**, São Paulo, n.23, p.33-58, 2015.
- ARRUZZA, C., BHATTACHARYA, T. Teoría de la Reproducción Social. Elementos fundamentales para un feminismo marxista. **Archivos de historia del movimiento obrero y la izquierda**, Buenos Aires, n. 16, p. 37-69, 2020.
- BHATTACHARYA. Tithi (org.). **Teoria da Reprodução Social: remapear a classe, recentralizar a opressão**. São Paulo: Elefante, 2023.
- RUAS, Rhaysa. Teoria da Reprodução Social: apontamentos para uma perspectiva unitária das relações sociais capitalistas. **Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, v.12, n.1, p.379-415, 2020.

Notas

¹ Doutoranda no Programa de História Social da Universidade de São Paulo (USP) e mestre pelo mesmo programa. Pesquisadora do Grupo de Estudos sobre Teoria da Reprodução Social (GE-TRS), registrado no Conselho Nacional

de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9984832119154642>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6304-1868>. E-mail: aline.sabbath@gmail.com.

Recebido em: 31 de out. 2023

Aprovado em: 20 de nov. 2023